

UMA LEITURA HERMENÊUTICA DOS TEXTOS DA CNBB SOBRE A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

A HERMENEUTIC READING OF THE CNBB TEXTS ABOUT INITIATION INTO CHRISTIAN LIFE

*Maurício de Aquino**

Resumo: Fundamentado na hermenêutica plural elaborada pelo teólogo José Tolentino Mendonça, este artigo analisa os textos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sobre a Iniciação à Vida Cristã em relação com as exortações e encíclicas do papa Francisco. Os dois textos principais da CNBB sobre a Iniciação à Vida Cristã estão relacionados com o ministério do papa Francisco. O primeiro deles, Estudos n. 97, do ano de 2009, foi suscitado pelo Documento de Aparecida, de 2007, resultante da V Conferência Geral da Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM), sendo que o então cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, depois papa Francisco, foi o presidente da Comissão que o redigiu; o segundo, Documento n. 107, do ano de 2017, foi inspirado nas exortações e encíclicas do papa Francisco desde que iniciou o seu pontificado em 2013. Propondo uma leitura hermenêutica desses textos, pretende-se colaborar para uma melhor compreensão desse aspecto do processo de Iniciação à Vida Cristã na Igreja no Brasil.

Palavras-chave: Iniciação à Vida Cristã. Documentos da CNBB. Papa Francisco.

Abstract: Based on the plural hermeneutics developed by theologian José Tolentino Mendonça, this article analyses the texts of the National Conference of Bishops of Brazil (CNBB) on Initiation into Christian Life in relation to the exhortations and encyclicals of Pope Francis. The two main texts of the CNBB on Initiation into Christian Life are related to the ministry of Pope Francis. The first of them, Studies No. 97, from 2009, was prompted by the Aparecida Document of 2007, which resulted from the 5th General Conference of the Latin American and Caribbean Episcopal Council (CELAM), with the then Argentinian Cardinal Jorge Mario Bergoglio, later Pope Francis, as the president of the Commission that drafted it; the second, Document No. 107, from 2017, was inspired by the exhortations and encyclicals of Pope Francis since he began his pontificate in 2013. By proposing a hermeneutical reading of these texts, the aim is to contribute to a better understanding of this aspect of the process of Initiation into Christian Life in the Church in Brazil.

Keywords: Initiation into Christian Life. Documents of the CNBB. Pope Francis.

Introdução

A história recente da Iniciação à Vida Cristã (IVC) na Igreja no Brasil está marcada por dois textos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB): o primeiro, do ano de 2009, na tipologia de Estudos n. 97; e, o segundo, do ano de 2017, na condição de Documento n. 107.

* Maurício de Aquino é Professor Associado de História no Centro de Ciências Humanas e da Educação, Campus Jacarezinho, da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. Possui licenciatura em História pela UENP e bacharelado em Teologia pela Faculdade João Paulo II – FAJOPA. Possui mestrado e doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus Assis. Possui pós-doutorado em História pela UNESP/Assis e em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Diácono Permanente incardinado na Diocese de Ourinhos, SP. Tem realizado trabalhos nas áreas de História e de Teologia, com ênfase em temas de História do Catolicismo no Brasil e de Teologia Sistemático-Pastoral. Na UENP, atualmente desenvolve o projeto de pesquisa “A História da Igreja na arte sacra de Cláudio Pastro”. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5185-3519> . E-mail: mauriaquino12@uenp.edu.br

E ambos estão associados ao ministério do papa Francisco.

No ano de 2007, o então cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio (1936-2025), depois papa Francisco (2013-2025), esteve no Brasil para a V Conferência do Conselho Episcopal Latino-americano e Caribenho (CELAM), realizada em Aparecida, estado de São Paulo, da qual resultou o *Documento de Aparecida* (CELAM, 2008). O cardeal Bergoglio presidiu a Comissão de Redação do *Documento de Aparecida* que apontava a urgência de um processo de Iniciação à Vida Cristã, prontamente acolhido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que enviou estudos, consultas, reflexões e apontamentos sobre o tema dando origem, em 2009, ao texto de Estudos 97 da CNBB sob o título *Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal* (CNBB, 2009).

Em 2017, já no pontificado de Francisco iniciado em 2013, foi publicado o Documento n. 107, com o título *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários* (CNBB, 2017), aprovado durante a 55ª Assembleia Geral da CNBB, realizada em Aparecida, entre os dias 26 de abril e 5 de maio de 2017, significativamente no décimo ano da realização da V Conferência Geral do CELAM.

O Documento n. 107 da CNBB propõe um itinerário para formar discípulos missionários desde uma dinâmica de iniciação à vida cristã, isto é, de inspiração catecumenal e de caráter mistagógico. Iniciação que envolve toda a pessoa, como se lê na apresentação desse documento:

Assim, a vida cristã é um novo viver que requer um processo de passos de aproximação, mediante os quais a pessoa aprende e se deixa envolver pelo mistério amoroso do Pai, pelo Filho, no Santo Espírito. Ela desperta para novas relações e ações, transformando a vida no campo pessoal, comunitário e social. Essa verdadeira transformação se expressa através de símbolos, ritos, celebrações, tempos e etapas (CNBB, 2017, p. 12).

Uma conversão integral que põe em relação o processo de iniciação à vida cristã e a construção e sentido da existência humana. Como escreveu o papa Francisco na exortação *Christus Vivit* (2019, p. 58, n. 252):

Com efeito, a vida que Jesus nos dá é uma história de amor, uma *história de vida* que quer misturar-se com a nossa e criar raízes na terra de cada um. Essa vida não é uma salvação suspensa ‘na nuvem’ – no disco virtual – à espera de ser descarregada, nem uma nova ‘aplicação’ para descobrir ou um exercício mental fruto de técnicas de crescimento pessoal. Nem a vida que Deus nos oferece é um ‘tutorial’ com o qual apreender as últimas novidades. A salvação, que Deus nos dá, é um *convite para fazer parte duma história de amor*, que está entrelaçada com as nossas histórias; que vive e quer nascer entre nós, para podermos dar fruto onde, como e com quem estivermos. Precisamente aí vem o

Senhor plantar e plantar-Se a Si mesmo.

A CNBB tem, portanto, acolhido e elaborado essas proposições em seus trabalhos, estudos e documentos. De fato, desde a sua criação em 1952, mas principalmente após o Concílio Vaticano II, a CNBB tem se comprometido com a elaboração de planos e diretrizes de evangelização que estejam em comunhão com as ações da Igreja universal e em sintonia com os sinais dos tempos. (AQUINO, 2020; GODOY, 2015; SUESS, 2015; BERNAL, 1989; QUEIROGA, 1977). Com a V Conferência do CELAM, no ano de 2007, os processos de IVC foram colocados em lugar de destaque. Prontamente, como se observou, a CNBB definiu em sua 46ª Assembleia Geral, em 2008, pela realização de estudos sobre IVC por uma comissão que redigiu o texto aprovado na Assembleia Geral do ano seguinte, em 2009, publicado como Estudos n. 97 da CNBB. Decorrente deste material, em 2017, foi aprovado o Documento n. 107 da CNBB já no contexto do pontificado do papa Francisco. Nesse movimento de estudo e reflexão teológico-pastoral, a comunidade eclesial foi sendo cada vez mais reconhecida como “Casa de Iniciação à Vida Cristã” (CNBB, 2017, n. 63).

Identifica-se nesse processo uma profunda interação entre os textos de Iniciação à Vida Cristã desenvolvidos pela CNBB e o magistério do papa Francisco, sobretudo em suas exortações e encíclicas. Neste artigo, o conjunto destes textos tornam-se o “objeto” de uma leitura hermenêutica em vista de maior compreensão da proposta de IVC na Igreja no Brasil.

A hermenêutica enquanto teoria de interpretação correta (SCHMIDT, 2012, p. 11) apresenta-se, portanto, como metodologia norteadora desta análise. Das variadas “teorias hermenêuticas” adotou-se, por sua coerência com o tema da IVC, a *hermenêutica plural* do teólogo e cardeal português José Tolentino Mendonça. Para ele:

Os textos, também aqueles sagrados, são plurais. Configuram-se como redes múltiplas de sentidos que jogam entre si. O exercício interpretativo deve, por isso, ‘apreciar o plural de que o texto é feito’. O texto é *textum*: têxtil, textura, trama, tecelagem, tecido. Esta pluralidade é, estamos crendo, o único antídoto que previne contra as leituras fundamentalistas, unívocas e violentas (MENDONÇA, 2015, p. 67).

E Tolentino acentua que uma “hermenêutica plural” deve levar o leitor-hermeneuta à compreensão do texto e de si:

Há uma história do texto que o leitor é chamado a explorar com o auxílio de instrumentos diversificados e complementares. Ele não pode ignorar a proveniência, a cultura, a linguagem, a composição ou a finalidade do texto. Sem esse levantamento dificilmente se pode chegar à compreensão. Mas, por outro lado, compreender é compreender-se. O texto não é apenas uma janela: é um inesperado e fundamental espelho (MENDONÇA, 2015, p. 69).

Sobre os textos do magistério pontifício, para o teólogo João Décio Passos (2018, p. 42-43), as “encíclicas e exortações são as expressões mais claras” do estilo de um papa porque nelas se explicitam as características de sistematização, tradição, argumentação, normatização e reprodução do ensinamento atual de uma doutrina. Por essa razão, foram adotadas as exortações e encíclicas do papa Francisco como textos de referência.

Optou-se por um estilo de escrita e análise que põe em evidência os textos originais da CNBB e do papa Francisco, considerando a relevância e pertinência do contato direto com esses textos ao mesmo tempo em que oportuniza acompanhar a construção hermenêutica desenvolvida neste trabalho na relação entre material analisado e referencial teórico em vista de melhor compreensão do tema. Para isso, o artigo está organizado em três partes: a primeira, aborda os Estudos n. 97 da CNBB, de 2009; a segunda, trata do Documento n. 107 da CNBB, de 2017; por fim, a terceira, analisa os elementos estruturantes da IVC, isto é, o querigma e a mistagogia, como resultado da leitura hermenêutica empreendida desses textos da CNBB em relação com as exortações e encíclicas do papa Francisco.

Para uma Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal: Estudos n. 97 da CNBB

O texto publicado no ano de 2009 como Estudos n. 97 da CNBB, intitulado *Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal*, atendeu ao pedido da 46ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil, ocorrida em 2008. Tratou-se de momento importante de um processo que, segundo Luiz Alves de Lima (cf. 2016, p. 180-181), tem sua origem no grande projeto do papa são João Paulo II para uma nova evangelização lançado, no ano de 1994, em sua carta apostólica *Tertio Millenio Adveniente*. Em 1997, o mesmo papa presidiu o Sínodo das Américas, designado “Encontro com Jesus vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América”.

Para Lima (2016, p. 182-183), a mudança de enfoque na Iniciação à Vida Cristã foi influenciada pela II Semana Brasileira de Catequese e pelo projeto nacional de evangelização, nos primeiros anos deste século XXI, sob o título “Queremos ver Jesus, Caminho, Verdade e Vida”. E também influenciaram duas outras ações de referência: em 2005, foi concluída a redação do Diretório Nacional de Catequese; e, dois anos depois, em 2007, foi realizada a V Conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM), na cidade de Aparecida, da qual resultou o Documento de

Aparecida. (LIMA, 2015; PARO, 2016).

No início do texto dos Estudos n. 97 (CNBB, 2009, p. 11, n. 1-2), explicita-se a intenção de superar uma pastoral (impessoal) dos sacramentos em vista de proporcionar uma experiência significativa de fé. Desafio evangelizador, como se pode ler *in verbis*:

Ao retornar hoje sobre a mesma Iniciação à vida cristã, estamos nos dedicando a um dos temas mais desafiadores da nossa ação evangelizadora. Como levar as pessoas a um contato vivo e pessoal com Jesus Cristo, como fazê-las mergulhar nas riquezas do Evangelho, como iniciá-las verdadeira e eficazmente na vida da comunidade cristã e fazê-las participar da vida divina, cuja expressão maior são os sacramentos da iniciação? Como realizar uma iniciação de tal modo que os fiéis perseverem na comunidade cristã? Como formar verdadeiros discípulos-missionários de Jesus? Pretendemos nos debruçar não tanto sobre a “preparação para receber os sacramentos”, mas sim sobre o processo e a dinâmica pelos quais “tornar-se cristãos”, processos que vão além da catequese entendida como período de maior aprendizado e orientado para um sacramento. A partir do Vaticano II, mas sobretudo no final e início do milênio, a Igreja está se empenhando em restaurar o grande processo catecumenal, que tão grandes resultados de evangelização provocou nos primeiros séculos, como processo eficaz de iniciação à vida cristã. (CNBB, 2009, p. 11-12, n. 2).

A proposta de inspiração catecumenal da IVC enfatiza a revelação progressiva a cada pessoa do conhecimento subjetivo e objetivo de Cristo desde a experiência que se faz com Ele nas celebrações, orações e encontros projetadas para as vivências cotidianas e pessoais. Pretende-se ajudar as pessoas a “redescobrir essa necessidade básica, bem humana, de buscar a fonte do mistério de sua própria existência”. (CNBB, 2009, p. 13, n. 4).

Principalmente para os adultos, a IVC precisa ser sensível a essa busca do sentido da própria existência humana:

Quem chega à idade adulta com essas indagações precisa de mais do que uma síntese doutrinal. Traz toda uma vida, cheia de experiências, perplexidades, alegrias e decepções. E aí não basta estudar o cristianismo. O adulto cheio de perguntas quer descobrir sentido na vida, nos seus relacionamentos, no mistério de Deus já percebido através da Criação, como primeiro livro da Revelação divina. Vai ser necessário um verdadeiro mergulho no mistério, com uma experiência cada vez mais profunda das diversas dimensões da vida cristã. (CNBB, 2009, p. 14, n. 8).

A iniciação se apresenta como dado antropológico (cf. CNBB, 2009, p. 28, n. 45) e implica fazer experiência ritualizada da existência, envolve significar a vida, percebendo o seu sentido e sacralidade. Trata-se de “um processo profundo que integra a

pessoa num outro estilo de vida”. (CNBB, 2009, p. 29, n. 49).

O *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* (RICA) inspira a proposta, adaptada à história da catequese no Brasil nos últimos anos que ofereceu muitos bons frutos a partir do projeto de catequese renovada que buscou a interação fé e vida dando maior centralidade à Palavra de Deus. (PARO, 2016; LIMA, 2015).

É importante definir e distinguir algumas palavras-chave, por isso há um glossário nos Estudos n. 97, segundo o qual:

Iniciação cristã: é a introdução de alguém no “mistério de Cristo, da Igreja e dos sacramentos”, por meio da proclamação da mensagem (querigma), da catequese e dos ritos sacramentais e outras celebrações. É obra do amor de Deus, por seu Filho no Espírito Santo; realiza-se na Igreja e pela mediação da Igreja, requer a decisão livre da pessoa e nela se realiza a participação humana no diálogo da salvação.

Inspiração catecumenal: um processo de iniciação cristã que, sem reproduzir estritamente o esquema do catecumenato pré ou pós-batismal, procura traduzir suas principais características. Catequese de inspiração catecumenal é o mesmo que catequese com dimensão catecumenal, com caráter catecumenal, cunho catecumenal, feição catecumenal, etc.

Mistagogia: a palavra significa “introdução ao mistério”; na verdade toda catequese é mistagógica; porém, no processo catecumenal, é o último tempo da iniciação, durante o período pascal: visa ao progresso no conhecimento do mistério celebrado através de novas explicações, e ao começo da participação integral na comunidade; é o prolongamento da experiência dos iniciados. Célebres são as “catequese mistagógicas” dos Santos Padres.

Mistago: à semelhança da palavra pedagogo, é aquele que introduz o catecúmeno ou catequizando nos mistérios da fé; todos que trabalham no processo catecumenal são mistagogos: ministros ordenados, catequistas, introdutores, pais, padrinhos...

Mistério: palavra grega (*mysterion*) usada no Novo Testamento para designar o plano de salvação que o Pai realizou em Cristo Jesus, principalmente por sua Morte e Ressurreição; por consequência, mistério é tudo o que a Igreja realiza para manifestar e realizar essa salvação divina ao longo da História, sobretudo os sacramentos (a palavra latina *sacramento* é tradução da palavra grega *mysterion*). A iniciação cristã é sempre iniciação aos mistérios de Cristo Jesus e de sua Igreja, através sobretudo do exercício da vida cristã e da celebração dos sacramentos.

Querigma: originalmente significava “proclamação em alta voz” ou anúncio. No Novo Testamento é anúncio central da fé, o núcleo de toda mensagem cristã, a boa notícia da salvação (evangelho). O *querigma* é tão importante na evangelização, que muitas vezes se torna sinônimo dela, embora seja apenas um dos seus aspectos (o mais importante).

Querigmático: tudo o que se refere ao anúncio essencial da fé; o pré-catecumenato consiste basicamente nesse “anúncio essencial ou central da fé”. (CNBB, 2009, p. 79-86).

Esse texto dos Estudos n. 97 da CNBB indica o desejo de que na iniciação à vida

cristã, a pessoa deixe-se conduzir pela graça benevolente e transformadora do Senhor, verdadeira obra de amor que se realiza na Igreja e pela mediação da Igreja, por livre decisão da pessoa que assim participa do diálogo salvífico e nessa caminhada faz experiência mística com Jesus e redescobre sua origem, identidade e projeto de vida. (cf. CNBB, 2009, p. 33-34, n. 63-66).

Iniciação à Vida Cristã e formação de discípulos missionários: Documento n. 107 da CNBB

O Documento n. 107 da CNBB, intitulado *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, foi aprovado na 55ª Assembleia Geral da CNBB, realizada em Aparecida, entre os dias 26 de abril e 5 de maio de 2017. Resultou dos Estudos n. 97 da CNBB, de 2009, com mudanças na estrutura e ênfase na formação de discípulos missionários, mantendo-se as concepções sobre iniciação, mistério, mistagogia e inspiração catecumenal.

Trata-se de um Documento no qual se nota a impactante influência do magistério do papa Francisco. Dentre as referências desse documento n. 107 constam a encíclica *Lumen Fidei*, de 2013; a exortação *Evangelii Gaudium*, também de 2013; a encíclica *Laudato Si'*, de 2015, e a exortação pós-sinodal *Amoris Laetitia*, de 2016.

Na apresentação desse Documento, o então secretário-geral da CNBB, dom Leonardo Ulrich Steiner, apresenta a Iniciação à Vida Cristã como um processo de nascimento ao modo de viver de Cristo. O Documento propõe um itinerário que se pode realizar de muitas maneiras na concretude das experiências de fé. (cf. CNBB, 2017, p. 11-12).

Nos primeiros parágrafos desse texto encontra-se preciosa indicação da relação entre IVC e existência humana. O processo de se tornar cristão implica a totalidade da existência. Conforme o texto:

Vivemos à procura de respostas sobre a vida, seu sentido e, no fundo, sobre nós mesmos. Podemos até ter dificuldades em reconhecer nossas buscas. Podemos até caminhar por vias perigosas e alienantes. Mas há sempre buscas secretas, que inquietam o coração. Queremos saber quem somos, por que estamos neste mundo, que sentido têm as escolhas que a vida exige de nós. Há anseios que apontam a sede de Deus. E tal desejo move homens e mulheres a ir ao encontro de um projeto de vida. (CNBB, 2017, p. 16, n. 4).

E na sequência, o texto sinaliza para os efeitos da iniciação cristã sobre a

existência. Trata-se de ser conduzido para um novo modo de vida:

A Vida Cristã é um novo projeto de vida. Para nós, “o projeto”. E, por isso, ela requer um processo de passos de aproximação, mediante os quais a pessoa aprende e se deixa envolver pelo mistério amoroso do Pai, pelo Filho, no Santo Espírito. Seu agir será outro, passando a um novo modo de vida no campo pessoal, comunitário e social. E isso é realizado por meio de símbolos, ritos, celebrações, tempos e etapas. O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) condensa todos estes elementos. (CNBB, 2017, p. 16, n. 5).

No primeiro capítulo do Documento n. 107, apresenta-se o ícone bíblico do encontro entre Jesus e a mulher samaritana (Jo 4, 5-42) no poço de Jacó para indicar a dinâmica progressiva do processo de encontro com o Senhor Jesus. Como destaca o Documento: “Aqui, vamos refletir sobre o texto da Samaritana, que nos mostra como um encontro com Jesus muda a própria vida e atinge outras vidas, porque quem descobre essa presença salvadora não a guarda para si. Vai levá-la a outros”. (CNBB, 2017, p. 20, n. 13). E indica então seis passos de aproximação transformadora entre Jesus e a mulher samaritana. E o texto sintetiza esse movimento com as seguintes palavras:

Esse encontro de Jesus com a Samaritana é exemplo perfeito da maneira como Ele se faz conhecer àqueles que o procuram. Ele se faz conhecer progressivamente, como acontece na Iniciação à Vida Cristã. Lentamente, a mulher vai descobrir quem é Jesus. No início do diálogo, Ele era simplesmente um “judeu” (Jo 4, 9), depois ela descobre que é “um profeta” (Jo 4, 19), quando lhe diz que precisamos adorar Deus em espírito e verdade, o próprio Jesus revela que é o “Messias” (Jo 4, 26) No final do encontro, os samaritanos o reconhecem como “Salvador” (Jo 4,42), ponto de chegada da revelação. (CNBB, 2017, p. 28, n. 37).

Os Estudos n. 97 enfatizaram esse aspecto catecumenal sendo que o Documento n. 107 parte dele para propor um itinerário de formação de discípulos missionários. Trata-se de um itinerário mistagógico, é um caminho iniciatório, uma proposta catecumenal. No livro *Itinerário Catequético*, a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB define a catequese que se quer de inspiração catecumenal para orientar a iniciação à vida cristã:

Uma catequese de *inspiração catecumenal* busca renovar a humanidade, transformando critérios, valores, correntes de pensamento, modelos de vida que estão em contraste com o Reino de Deus. Fazendo com que catequistas e catequizandos tornem-se *testemunhas* dos valores e da nova vida do Reino de Deus e busquem a conversão, isto é a *adesão do coração* ao Reino de Deus. Para tanto, esta catequese precisa criar *espaços comunitários* onde a fé pode ser alimentada, partilhada, vivida, estruturada numa comunidade cristã que

vive e celebra, nos *sinais sacramentais*, a presença de Jesus e o dom do Espírito, desenvolvendo um *apostolado ativo* nos diversos ambientes e situações em que cada catequista e catequizando se encontra. (COMISSÃO, 2018, p. 46).

Com referência a esse aspecto, o teólogo catequeta Luiz Alves de Lima aponta para a relação entre iniciação e mistério. Em suas palavras:

A Iniciação é muito mais que ensino ou instrução, características típicas de nossa catequese tradicional. Iniciação está sempre relacionada ao conceito de mistério. Muitas vezes não se entende o que é iniciação, pois não se entende o que é mistério, ou se confunde com outros termos (doutrina, ensinamento, aprendizagem escolar, decorar conceitos). O mistério é sempre algo que os ultrapassa, que está acima de nós, algo de sublime, longe de nossas experiências do dia a dia, mas cuja experiência toca profundamente nossa existência, como são os mistérios cristãos [...] (LIMA, 2016, p. 222).

O sentido etimológico de *iniciação* (*in-ire*= ir para dentro; *in-iter*= encaminhamento), palavra de origem latina, remete a essa progressiva (catecumenal) experiência de fé que vai encaminhando para dentro do mistério cristão. Esse processo é também *mistagógico*, no sentido de conduzir a pessoa ao mistério, de conduzi-la à experiência mística com Cristo. (LIMA, 2016; PARO, 2016).

A inspiração catecumenal, como pedagogia mística, “convida a entrar sempre mais no mistério do amor de Deus” (CNBB, 2017, p. 37, n. 56) em vista da formação de discípulos missionários. E o RICA, como livro litúrgico de ritos, orações e celebrações, e, portanto, não um livro de catequese, ajuda ao oferecer “uma visão inspiradora de uma catequese que realmente envolva a pessoa no seguimento de Jesus Cristo”. (CNBB, 2017, p. 58, n. 119).

Nesse processo mistagógico, a liturgia apresenta-se como “lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo”. (CNBB, 2017, p. 45, n. 74). A dimensão comunitária também é enfatizada:

Há necessidade de envolver a comunidade inteira no processo de Iniciação à Vida Cristã e na formação continuada dos fiéis. A atual mudança de época exige que o anúncio de Jesus Cristo seja explicitado continuamente e que os processos de iniciação, inspirados na tradição catecumenal, sejam assumidos de modo criativo e adequado; neles precisamos incluir novos temas (como ecumenismo, ecologia, comunicação moderna, questões sociais) e ter flexibilidade para atender às situações concretas dos catecúmenos. A leitura orante da Bíblia nos ajuda nisso. (CNBB, 2017, p. 45, n. 75).

Para a CNBB, nesse Documento n. 107, a Iniciação à Vida Cristã não é

simplesmente uma pastoral, como outras, mas sim “um eixo central e unificador de toda ação evangelizadora e pastoral”. (CNBB, 2017, p. 45, n. 76). É no encontro com Jesus, que revela tudo o que precisamos conhecer de Deus, que entramos no mistério, imergindo a uma nova realidade. Iniciar-se nesses mistérios reflete sobre o ser humano, integra e ilumina as grandes questões da existência. Pela Celebração do Sacramento do Batismo, por exemplo, a pessoa recebe uma nova identidade existencial e passa a integrar a comunidade eclesial na qual encontrará raiz e companhia na jornada da vida. (cf. CNBB, 2017, p. 45-51, n. 77-99).

Nesse processo de inspiração catecumenal, que progressivamente e experiencialmente introduz nos mistérios de Cristo e da Igreja, que media e acompanha, acolhe e envia, a pessoa vai sendo formada interiormente e exteriormente em discípulo do Senhor, em vista de constituir-se como “processo de iniciação para evangelizar e formar discípulos missionários que, de fato, assumam o projeto do Reino”. (CNBB, 2017, p. 56, n. 116).

Querigma e mistagogia: elementos estruturantes da Iniciação à Vida Cristã

Na proposta de Iniciação à Vida Cristã da CNBB, projetada nos Estudos n. 97 e Documento n. 107, *querigma* e *mistagogia* destacam-se não somente como pontos de partida e de chegada do processo de iniciação com inspiração catecumenal, mas como verdadeiros elementos estruturantes que permeiam todo o processo.

Como se pode observar na figura 1, do quadro geral da Iniciação Cristã, em seus *tempos e etapas*, o *querigma* corresponde ao primeiro tempo, chamado também *pré-catecumenato*; por sua vez, a *mistagogia* corresponde ao quarto e último tempo, de um processo com *quatro tempos e três etapas* que marcam a passagem entre eles.

Nos Estudos n. 97 da CNBB, o querigma é apresentado como o primeiro anúncio, a pregação missionária para todas as pessoas enquanto os mistérios (sacramentos), ou a mistagogia, “são para aqueles que foram iniciados na fé”. (cf. CNBB, 2009, p. 27, n. 42). Sobre o tempo pré-catecumenal do querigma, o texto dos Estudos n. 97 indica:

Faz-se um primeiro anúncio – o querigma – (ou o novo anúncio, dependendo do caso) do mistério de Cristo, no diálogo com a pessoa, sua cultura e experiência religiosa. [...]

Esse é o tempo do despertar ou reavivar (para os que já tiveram alguma participação) a fé em Jesus Cristo e a conversão, tempo de perceber melhor a função da Igreja. O caminhante é incentivado a vivenciar a fé

pela oração e pela mudança de relações com os outros e com a vida. Esperam-se pequenas atitudes que mostrem que isso está acontecendo. Os que vão alcançando esse estágio são convidados ao catecumenato. Os já batizados são incentivados a buscar o Sacramento da Reconciliação. (CNBB, 2009, p. 42, n. 78-79).

Quadro Geral da INICIAÇÃO CRISTÃ						
(Catecumenato pré-batismal) conforme o RICA.						
Os <i>tempos</i> são os períodos bem determinados. As <i>etapas</i> são as grandes celebrações de passagem de um para outro tempo.						
1º Tempo	1ª ETAPA – Rito de Admissão dos Candidatos ao Catecumenato (entrada) – Pároco	2º Tempo	2ª ETAPA – Preparação para os sacramentos (eleição) – Pároco	3º Tempo	3ª ETAPA – Celebração dos sacramentos de iniciação (Vigília Pascal) - Pároco	4º Tempo
<u>Pré-Catecumenato</u> ou <u>Primeiro Anúncio</u> <u>(querigma)</u>		<u>Catecumenato</u> (tempo mais longo de todos)		<u>Purificação e iluminação</u> (quaresma)		Mistagogia (tempo pascal)
Tempo de acolhimento na comunidade cristã: - Primeira Evangelização. - Inscrição e colóquio com o catequista. -Ritos–catequistas+equipes litúrgicas		Tempo suficientemente longo para: -Catequese, reflexão, aprofundamento. -Vivência cristã, conversão. -Entrosamento com a Igreja. -Ritos–catequistas+equipes litúrgicas		Preparação próxima para sacramentos: -Escrutínios. -Entrega do Símbolo e da Oração do Senhor. -Catequese. -Práticas quaresmais (CF, etc.). -Ritos–catequistas+equipes litúrgicas		- Aprofundamento e maior mergulho no mistério cristão, no mistério pascal, na vida nova. - Vivência na comunidade cristã.

Figura 1 – Quadro geral da Iniciação Cristã. Fonte: CNBB, 2009, p. 40.

Pelo quadro geral da Iniciação Cristã, da figura 1, observa-se que ao final do tempo do querigma ocorre a celebração de admissão ao catecumenato, primeira etapa, passando ao segundo tempo, do catecumenato propriamente dito, então vem a celebração de eleição, segunda etapa, que encaminha ao terceiro tempo, de purificação e iluminação em vista da celebração dos sacramentos da iniciação, como terceira etapa, que encaminha ao quarto tempo, o da mistagogia, no qual há “grande dinâmica simbólico-ritual”. (PARO, 2016, p. 26).

Notam-se as seguintes características desse tempo:

Ao longo do tempo pascal, acontece um prolongamento da experiência dos iniciados, um mergulho maior no mistério: o tempo da mistagogia. É este o último tempo da iniciação. Nele “se obtém o conhecimento mais completo dos mistérios através das novas explicações e sobretudo da experiência dos sacramentos recebidos” (RICA, n. 38). Nas missas os neófitos ocupam lugar de destaque, são lembrados na homilia e na oração dos fiéis. (CNBB, 2009, p. 45, n. 88).

No Documento n. 107 da CNBB, querigma e mistagogia são enfatizados enquanto elementos estruturantes da Iniciação à Vida Cristã, sinalizando diálogo e assimilação das perspectivas do magistério do papa Francisco, principalmente na exortação *Evangelii Gaudium*.

Sobre o querigma, define:

O conteúdo essencial do primeiro anúncio (querigma) trata da vida de Jesus de Nazaré, de sua pessoa, de sua mensagem, de sua missão e de seu momento culminante de morte e ressurreição (Páscoa). Por aí passou a formação progressiva de novos discípulos. Nesse processo contavam sempre com a ação do Espírito Santo, presente no testemunho de vida dos que já faziam parte das comunidades cristãs. (CNBB, 2017, p. 30, n. 41).

Acerca do anúncio do Evangelho, o texto do Documento n. 107 explicita as perspectivas do papa Francisco tão presentes nesse Documento:

Para que o anúncio do Evangelho aconteça, é necessária a devida atenção aos desafios da realidade. O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, elenca alguns deles: a economia da exclusão, a idolatria do dinheiro, a desigualdade social que gera violência, a cultura do provisório, a proliferação de novos movimentos religiosos fundamentalistas, a promoção de uma espiritualidade sem-Deus, a perda do compromisso com o comunitário, o relativismo moral, a fragilidade dos vínculos familiares. (CNBB, 2007, p. 35, n. 53).

Anúncio do Evangelho, a ação querigmática acontece na realidade concreta com seus desafios existenciais. Jesus Cristo deve ser anunciado e conhecido porque Ele traz

consigo a plenitude da vida e da existência, o encontro com Cristo liberta e impulsiona a enfrentar juntos as estruturas degradantes do humano. E o querigma tem dimensão trinitária: “É anúncio de que: Jesus Cristo, enviado pelo Pai, ama e dá sua vida para salvar, e agora vive conosco todos os dias, pelo Espírito Santo, para iluminar, fortalecer, libertar”. (CNBB, 2007, p. 38, n. 59).

Para os teólogos Abimar Moraes e Wagner Carvalho:

Deixando-se guiar pela categoria *mystérion*, perceberemos como, no coração da missão evangelizadora da Igreja sempre está o querigma: o anúncio de Jesus, Filho de Deus e da ação salvadora que Deus Pai realiza por meio de sua Páscoa. Como fruto da atenção da Igreja aos sinais dos tempos, o RICA percebe, na mudança de época em que nos encontramos, que este primeiro anúncio se faz ainda mais necessário e urgente, pois assistimos ao crescimento sempre maior de pessoas “esquecem” do Evangelho ou sequer o conhecem. Muito adultos, primeiros interlocutores do RICA, estão marcados pela perda do sentido da vida, do desejo de Deus e da plausibilidade da Igreja. (MORAES, CARVALHO, 2024, p. 134).

O querigma é comunicado por cristãos que fizeram a experiência pessoal com Jesus e se tornaram seus discípulos missionários. São seguidores de Cristo em missão, vão até as pessoas, dialogam e comunicam-lhes o primeiro anúncio (ou um segundo anúncio para quem se afastou da fé e da igreja) do amor de Cristo por toda a humanidade, portanto, também para elas pessoalmente. (Cf. CNBB, 2017, p. 71, n. 154). Querigma é também comunicar o amor de Cristo após ter feito a experiência transformadora com Ele. O querigma não é mera propaganda, é, de fato, comunicação de uma experiência transformadora:

O querigma não é uma propaganda para ganhar visibilidade. Alguns têm denominado de querigma, por exemplo, um anúncio que se limita a um reavivamento religioso, uma busca por milagres, sem compromisso profético e sem o seguimento. Mas o importante é formar discípulos que praticam a fraternidade e o amor ao próximo e queiram ir sempre mais adiante no caminho de Jesus: “No próprio coração do Evangelho, aparecem a vida comunitária e a o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade”. (CNBB, 2017, p. 71, n. 156).

E é a partir dessa dinâmica iniciada com a acolhida do querigma que a pessoa caminha progressivamente, subjetiva e objetivamente, na experiência com os mistérios da vida de Cristo e de sua Igreja, até chegar ao último tempo, tempo mistagógico, de “introdução no mistério pascal de Cristo, vivido na experiência comunitária”. (CNBB, 2017, p. 39, n. 60).

A mistagogia é profundamente marcada pela experiência da oração:

A iniciação à oração pessoal, comunitária e litúrgica constitui componente essencial do ser cristão, para mantê-lo progressivamente na comunhão com o Senhor e na disponibilidade e generosidade para a missão. A *lex orandi lex credendi* (que pode ser entendida: “oramos como cremos e cremos como oramos”) alimenta cotidianamente a vida de fé, em comunidade, para a missão. A este conjunto de experiências de fé e espiritualidade chamamos mistagogia. (CNBB, 2017, p. 52, n. 103).

A mistagogia implica uma iniciação ao “valor dos sinais litúrgicos através dos quais Deus se revela e comunica”. (MORAES, CARVALHO, 2024, p. 138).

Partindo mais uma vez da *Evangelii Gaudium*, o Documento ressalta que a experiência mistagógica é como:

[...] um desejo que nunca acaba. Porque Deus, sendo amor, nunca se esgota. A mística é a entrada nesse movimento de busca de Deus, que para a fé cristã, concretiza-se no encontro com o outro. E, “cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus”. (CNBB, 2007, p. 38, n. 56).

Elaborado a partir dos Estudos n. 97 (CNBB, 2009), o Documento n. 107 (CNBB, 2017) assimilou muitas das perspectivas do papa Francisco, incluindo sua visão sobre o ser humano, sua antropologia teológica, principalmente a partir da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. (FRANCISCO, 2013b).

Pode-se prosseguir essa reflexão incorporando perspectivas do papa Francisco associadas ao querigma e à mistagogia, em suas exortações e encíclica do período de 2018 a 2020, portanto, dos anos imediatamente seguintes ao Documento n. 107 da CNBB (2017), aprofundando seus significados no processo da iniciação cristã e na experiência do sentido da existência humana.

Na exortação *Gaudete et Exsultate*, de 2018, o autêntico anúncio vem acompanhado do dom da *parresia*, isto é, da ousadia, coragem e certeza na alegria de anunciar o Evangelho, alegria compartilhada com Jesus. (FRANCISCO, 2018, p. 64.75, n. 132.159). A dimensão mistagógica pode ser observada quanto ao discernimento que:

Embora inclua a razão e a prudência, supera-as, porque trata-se de entrever o *mistério* daquele projeto, único e irrepetível, que Deus tem para cada um e que se realiza no meio dos mais variados contextos e limites. Não está em jogo apenas um bem-estar temporal, nem a satisfação de realizar algo de útil, nem mesmo o desejo de ter a consciência tranquila. *Está em jogo o sentido de minha vida diante do Pai que me conhece e ama, aquele sentido verdadeiro para o qual*

posso orientar a minha existência e que ninguém conhece melhor do que Ele. (FRANCISCO, 2018, p. 80, n. 170, grifo nosso).

A mistagogia, elemento estruturante do processo de iniciação cristã proposto pela CNBB, não se esgota ao tempo final desse caminho, mas se mostra fonte de amadurecimento cristão que no exercício do discernimento espiritual revela-se como ambiente no qual se dá a decisão interior do “sentido verdadeiro para o qual posso orientar a minha existência”. (FRANCISCO, 2018, p. 80, n. 170). Ainda nessa reflexão sobre o discernimento, o papa Francisco ensina sobre sua dimensão mistagógica: “o discernimento não é uma autoanálise presunçosa, uma introspecção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou a bem dos irmãos”. (FRANCISCO, 2018, p. 82-82, n. 175). A existência introduzida e envolvida no mistério de Deus, isto é santidade.

Na exortação pós-sinodal *Christus Vivit* (FRANCISCO, 2019), dirigida especialmente aos jovens, o papa Francisco apresenta diretamente o querigma no capítulo IV, intitulado “O grande anúncio para todos os jovens”, no início do qual escreve:

Além de qualquer circunstância, a todos os jovens quero anunciar agora o que há de mais importante, a primeira coisa, aquilo que nunca se deveria calar. É um anúncio que inclui três grandes verdades que todos precisamos escutar várias vezes.

Antes de tudo, quero dizer a cada um a primeira verdade: “Deus te ama”. Se já o escutaste não importa, quero te lembrar; Deus te ama. Nunca duvides, apesar do que te aconteça na vida. Em qualquer circunstância, és infinitamente amado. [...]

A segunda verdade é que Cristo, por amor, se entregou até o fim para nos salvar. Seus braços abertos na Cruz são o sinal mais precioso de um amigo capaz de chegar ao extremo: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim (Jo 13,1)”. [...]

Mas há uma terceira verdade, que é inseparável da anterior: Ele vive! É preciso voltar a recordá-lo com frequência, porque corremos o risco de tomar Jesus Cristo apenas como um bom exemplo do passado, como memória, como alguém que nos salvou dois mil anos atrás. Isso não nos serviria de nada, nos deixaria no mesmo, isso não nos libertaria. *O que nos enche com a sua graça e que nos liberta, o que nos transforma, o que nos cura e nos conforta é alguém que vive, é o Cristo Ressuscitado*, cheio de vitalidade sobrenatural, vestido de luz infinita. Por isso, São Paulo dizia: “E se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é ilusória (1Cor 15, 17)”. (FRANCISCO, 2019, p. 65.69.72, n. 111-112.118.124, grifo nosso).

Uma existência envolvida pela presença viva de Cristo Ressuscitado é o que dá sentido, liberta, transforma, cura e conforta. Aos jovens e a todo o povo de Deus, o papa Francisco anuncia o querigma em três verdades existenciais: Cristo te ama; Cristo te salva; Cristo está vivo!

Três verdades existenciais que exigem novos modos de expressão: “ainda temos que buscar com maior sensibilidade como encarnar o *kerygma* na linguagem que falam os jovens de hoje”. (FRANCISCO, 2019, p. 118-119, n. 211). E isso porque toda “formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai fazendo carne cada vez mais e melhor”. (FRANCISCO, 2019, p. 120, n. 214).

O acolhimento do querigma, o deixar-se afetar por ele, vai conduzindo a pessoa para a experiência mistagógica da oração, apresentada pelo papa Francisco, na *Christus Vivit*, como experiência de amizade. A oração é relacionamento, é vínculo. Afinal:

Com o amigo falamos, compartilhamos as coisas mais secretas. Com Jesus também conversamos. A oração é um desafio e uma aventura. E que aventura! *Permite que o conheçamos cada vez melhor, entremos em seu mistério e cresçamos em uma união sempre mais forte.* A oração nos permite lhe contar tudo o que acontece conosco e nos jogar confiantes em seus braços e, ao mesmo tempo, nos brinda com momentos de preciosa intimidade e afeição, nos quais Jesus derrama em nós sua própria vida. Rezando, “abrimos o jogo” com ele, lhe damos espaço “para que ele possa agir, possa entrar e possa vencer”. (FRANCISCO, 2019, p. 87, n. 155, grifo nosso).

O relacionamento de amizade com o Senhor, experiência mistagógica, conduz pela estrada do crescimento e amadurecimento pessoal, abrindo o horizonte da existência como vocação e missão. O Cristo que ama, salva e vive, também chama a estar com ele e a comprometer-se com sua missão. Isto é vocação. Papa Francisco escreve:

Para realizar a própria vocação, é necessário se desenvolver, fazer germinar e crescer tudo o que a pessoa é. Não se trata de inventar-se, criar-se do nada, mas da descoberta de si mesmo à luz de Deus e de fazer florescer o próprio ser: “Nos desígnios de Deus, cada homem é chamado a desenvolver-se, porque a vida de todo homem é vocação”. *Tua vocação te orienta para oferecer o melhor de ti para a glória de Deus e para o bem dos outros. Não se trata apenas de fazer coisas, mas fazê-las com um significado, com uma orientação.* (FRANCISCO, 2019, p. 147, n. 257, grifo nosso).

Na exortação pós-sinodal *Querida Amazônia*, o papa Francisco reitera o imperativo evangelizador de anunciar o querigma aos povos da Amazônia:

Eles têm direito ao anúncio do Evangelho, sobretudo àquele primeiro anúncio que se chama querigma e “é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra (...)”. É o anúncio de um Deus que ama infinitamente cada ser humano, que manifestou plenamente este amor em Cristo crucificado por nós e ressuscitado na nossa vida. (FRANCISCO, 2020a, p. 38, n. 64).

E continua afirmando que “o querigma e o amor fraterno constituem a grande síntese de todo o conteúdo do Evangelho”. (FRANCISCO, 2020a, p. 39, n. 65).

Nessa exortação, o papa Francisco convida a um olhar mistagógico para a Amazônia ao convidar para “admirá-la e reconhecê-la como um mistério sagrado”. (FRANCISCO, 2020a, p. 8, n. 5). Convida a contemplar a Amazônia para “reconhecer esse precioso mistério que nos supera”. (FRANCISCO, 2020a, p. 34, n. 55).

Na encíclica *Fratelli Tutti*, na qual o papa Francisco apresenta em linguagem universal um convite à fraternidade e amizade social, destaca a especificidade da convicção e valores cristãos quanto à dignidade do ser humano, o que implica a presença distintiva do querigma e do olhar mistagógico em sua antropologia teológica. Nas palavras do papa:

Para os cristãos, as palavras de Jesus têm ainda outra dimensão, transcendente. Implicam reconhecer o próprio Cristo em cada irmão abandonado ou excluído (Mt 25, 40.45). Na realidade, a fé cumula de motivações inauditas o reconhecimento do outro, pois quem acredita pode chegar a reconhecer que Deus ama cada ser humano com amor infinito e que “assim que lhe confere uma dignidade infinita”. Além disso, acreditamos que Cristo derramou o seu sangue por todos e cada um, pelo que ninguém fica de fora de seu amor universal. Se formos à fonte suprema, que é vida íntima de Deus, encontramos-nos com uma comunidade de três Pessoas, origem e modelo perfeito de toda a vida em comum. A teologia continua a enriquecer-se graças à reflexão sobre essa grande verdade. (FRANCISCO, 2020b, p. 43, n. 85).

Uma experiência trinitária, um encontro mistagógico de quem acolheu o querigma do amor redentor de Cristo que ressuscitado vive conosco, como foi a experiência de santa Teresa do Menino Jesus, “sempre mergulhada no mistério de Cristo” (FRANCISCO, 2023, p. 23, n. 29), tocada pelo amor humano e divino do Coração de Jesus (FRANCISCO, 2024). Experiência cristã que abre a pessoa ao sentido autêntico da existência humana e dispõe para uma vida de fraternidade, para uma visão sacramental da humanidade concebida como filhas e filhos de Deus Pai, em Cristo, no Espírito Santo.

Considerações finais

Lawrence Schmidt (2012, p. 213) afirma que “o objetivo da hermenêutica é compreender a verdade que o texto contém. A tarefa da hermenêutica é integrar essa verdade em nossa vida.” (SCHMIDT, 2012, p. 142). Ele também observa que na Hermenêutica “o significado de superfície daquilo que é dito pode esconder um

significado mais profundo e diferente.” E tudo isto procede, sobretudo, com a hermenêutica filosófico-teológica que se procurou aplicar neste artigo para compreender os textos da CNBB sobre a Iniciação à Vida Cristã.

Uma hermenêutica plural nos termos de José Tolentino Mendonça (2015). Para ele “é o plural do texto que funda e estimula a diversidade hermenêutica, e assim garante, contra todas as presunções absolutistas, o lugar da alteridade.” (MENDONÇA, 2015, p. 68).

A relação com a alteridade, com o Outro e os outros. E também consigo, a ipseidade. Elementos todos implicados com os textos da CNBB e do papa Francisco sobre a iniciação e reiniciação de homens e mulheres à Vida Cristã. E ainda que esses textos não sejam sagrados, eles são construídos a partir de uma linguagem religiosa que quer indicar e comunicar o sagrado. Por essa razão, também a eles foi considerado serem dirigidas essas palavras da proposta hermenêutica de José Tolentino Mendonça:

O objetivo do texto religioso não é representar, como se se tratasse de um tipo de taxidermia. Ele constitui um espetáculo que permanece em grande medida enigmático e cuja realidade não está na sequência natural das ações que o compõem, mas na lógica que expõe e a que se arrisca. A marca impressiva do texto é esse sentido, a sua forma íntima, uma espécie de latência e respiração que ele possui, onde se tornam nítidas emoções, dicções, caminhos. A palavra religiosa é uma palavra que aspira impacientemente à categoria de não palavra, ou não apenas palavra. Essa abertura é igualmente um modo de contornar a contingência do dispositivo verbal e das suas reduções positivistas. Penhorada que está ao silêncio, àquele “silêncio eterno dos espaços infinitos”, de que Pascal falava, busca o vislumbre. É essencial que as interpretações ecoem esta tensão original, que é a poética do texto religioso. A sua tangibilidade não desfaz, antes sublinha a sua intangibilidade. (MENDONÇA, 2015, p. 68-69).

Os textos analisados neste artigo desde essa perspectiva hermenêutica apresentam essa relação entre o tangível e o intangível, entre a ipseidade e a alteridade humana e divina. Isso foi possível por meio da análise comparativa e relacional dos textos da CNBB com as exortações e encíclicas do papa Francisco que propiciaram uma melhor compreensão desses aspectos.

Francisco, muito antes de ser nomeado papa, já se preocupava e animava uma formação catequética e uma missão evangelizadora atenta ao itinerário catecumenal, à iniciação à vida cristã. Jesuíta e orientador de retiros, o papa Francisco estava solidamente assentado na longa tradição pedagógica dos exercícios espirituais de santo Inácio de Loyola. (FRANCISCO, 2024b; GONZÁLEZ-QUEVEDO, 2015).

E, em 2007, durante a V Conferência Geral do CELAM, no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, ele foi nomeado presidente da Comissão de Redação do Documento Final que recebeu o nome de Documento de Aparecida. (CELAM, 2008). Esse Documento já trazia as palavras-chave das posteriores exortações e encíclicas do papa Francisco, e foi decisivo para estimular as reflexões e propostas de Iniciação à Vida Cristã na América Latina e Caribe.

Em 2013, eleito no Conclave, o papa Francisco passa a desenvolver em suas exortações e encíclicas os elementos estruturantes da IVC: a construção da identidade e do sentido cristão da vida humana, o querigma e a mistagogia. E isso foi incorporado ao Documento n. 107 da CNBB, aprovado e publicado em 2017.

Conclui-se, portanto, com a compreensão de que a proposta de IVC na Igreja no Brasil foi desenvolvida em sintonia e comunhão com a Igreja na América Latina e Caribe, e em todo o mundo, tendo por eixo o ministério do papa Francisco visto que suas contribuições foram profundas e decisivas para o modelo proposto de IVC. É, portanto, também como que um legado do papa Francisco ao trazer as suas marcas de encontro querigmático e mistagógico com o Senhor, que impele à abertura para o outro, gerando assim um genuíno autoconhecimento e um comprometido empenho na construção do bem comum como sinais do Reino de Deus.

Referências

AQUINO, Maurício de. Os direitos humanos nos planos de ação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB): 1966-1986. *Anais do XVII Encontro Regional da ANPUH-PR*, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.pr.anpuh.org/resources/anais/24/anpuh-pr-erh2020/1611944371_ARQUIVO_0dfd5a67934fd867b8925c94eb3c107d.pdf

BERNAL, Sérgio. *CNBB: da Igreja da Cristandade à Igreja dos Pobres*. Trad. João Luís Gaio. São Paulo: Edições Loyola, 1989. [Publicado originalmente em espanhol, pela Editora da Pontifícia Universidade Gregoriana, onde o autor jesuíta lecionava, no ano de 1986]

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário Catequético: iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Tradução Luiz Alexandre Solano Rossi. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal*. Estudos da CNBB: 97. São Paulo: Paulus, 2009.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Iniciação à vida cristã: itinerário para a formação de discípulos missionários*. Documentos da CNBB: 107. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*. Documentos da CNBB: 109. Brasília: Edições CNBB, 2019.

COZZI, Alberto; REPOLE, Roberto; PIANA, Giannino. *Papa Francisco que teologia?* Trad. Maria do Rosário de Castro Pernas. Lisboa, Portugal: Paulinas, 2017.

FRANCISCO, papa. *Lumen Fidei: sobre a fé*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013a.

FRANCISCO, papa. *Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013b.

FRANCISCO, papa. *Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, papa. *Amoris Laetitia: sobre o amor na família*. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO, papa. *Gaudete et Exsultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO, papa. *Christus Vivit: aos jovens e a todo o povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO, papa. *Querida Amazônia: ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*. Brasília: Edições CNBB, 2020a.

FRANCISCO, papa. *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Edições Loyola, 2020b.

FRANCISCO, papa. *Só a confiança: sobre a confiança no amor misericordioso de Deus por ocasião do 150º aniversário do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face*. São Paulo: Edições Loyola, 2023.

FRANCISCO, papa. *Dilexit Nos: sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus*. São Paulo: Editora Paulus, 2024a.

FRANCISCO, papa. *Vida: a minha história através da História*. Trad. Milena Vargas. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2024b.

GODOY, Manoel de. CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. In: PASSOS, J.D.; SANCHEZ, W.L. (dir.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p.132-139.

GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. *O novo rosto da Igreja – papa Francisco*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2015.

JOÃO PAULO II, papa. *Tertio Millenio Adveniente: sobre a preparação para o Jubileu do ano 2000*. São Paulo: Editora Paulinas, 1994.

LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2016.

LIMA, Luiz Alves de. Catequese. In: PASSOS, J.D.; SANCHEZ, W.L. (dir.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p.86-91.

MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*. São Paulo: Paulinas; Recife, PE: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.

MORAES, Abimar Oliveira de; CARVALHO, Wagner Francisco de Sousa. A dimensão mistagógica do presbítero na iniciação à vida cristã. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v.84, n.327, p. 130-144, Jan./Abr. 2024.

PARO, Thiago Aparecido Faccini. *A dinâmica simbólico-ritual da Iniciação à Vida Cristã: um estudo a partir do RICA e sua aplicação na catequese infantil*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

PASSOS, João Décio. *Método teológico*. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco)

QUEIROGA, Gervásio Fernandes de. *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB: comunhão e corresponsabilidade*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1977.

SCHMIDT, Lawrence K. *Hermenêutica*. Trad. Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SUESS, Paulo. Sinais dos tempos. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopez (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 895-901.

*** A.M.D.G. ***

*Recebido em: 30/07/2025
Aprovado em: 30/08/2025*